

(Sobre)Viver a Mobilidade: interações e significados
(About)Living Mobility: interactions and meanings
(Acerca de)Vivir la movilidad: interacciones y significados
(À propos)La mobilité vivante: interactions et significations

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Resumo

Este artigo teórico e reflexivo, de caráter exploratório e natureza qualitativo-interpretativa, retrata os resultados de um estudo sobre a mobilidade acadêmica internacional de estudantes de uma universidade pública estadual da Bahia. Objetiva-se contribuir para a literatura sobre internacionalização da educação superior, apontando como a mobilidade acadêmica permite ao estudante construir seu projeto de formação e desenvolver sua capacidade de autonomia; é um dos caminhos para renovar a educação como prática formativa, possibilita trocas culturais, científicas e acadêmicas, permitindo ao estudante conhecer e interagir com uma realidade diversa, um novo lugar para o saber.

Palavras-chave: mobilidade acadêmica, transições desenvolvimentais, universidade, formação, internacionalização.

Abstract

This theoretical and reflective article, of an exploratory, qualitative and interpretative nature, presents the results of a study on the international academic mobility of students at a public state university in Bahia. The aim is to contribute to the literature on the internationalization of higher education, pointing out how academic mobility allows students to build their training

project and develop their capacity for autonomy; it is one of the ways to renew education as a training practice, it enables cultural, scientific and academic exchanges, allowing students to get to know and interact with a different reality, a new place for knowledge.

Keywords: academic mobility, developmental transitions, university, training, internationalization.

Resumen

Este artículo teórico y reflexivo, de carácter exploratorio, cualitativo e interpretativo, presenta los resultados de un estudio sobre la movilidad académica internacional de estudiantes de una universidad pública estatal de Bahía. El objetivo es contribuir a la literatura sobre la internacionalización de la educación superior, señalando cómo la movilidad académica permite a los estudiantes construir su proyecto formativo y desarrollar su capacidad de autonomía; es una de las formas de renovar la educación como práctica formativa, posibilita intercambios culturales, científicos y académicos, permitiendo a los estudiantes descubrir e interactuar con una realidad diferente, un nuevo lugar para el conocimiento.

Palabras clave: movilidad académica, transiciones de desarrollo, universidad, capacitación, internacionalización.

Résumé

Cet article théorique et réflexif, à caractère exploratoire, qualitatif et interprétatif, présente les résultats d'une étude sur la mobilité académique internationale des étudiants d'une université publique d'État de Bahia. L'objectif est de contribuer à la littérature sur l'internationalisation de l'enseignement supérieur, en soulignant comment la mobilité académique permet aux étudiants de construire leur projet de formation et de développer leur capacité d'autonomie.; c'est une des manières de renouveler l'éducation comme pratique de formation, elle permet des échanges culturels, scientifiques et académiques, permet à l'étudiant de découvrir et d'interagir avec une réalité différente, un nouveau lieu de connaissance.

Mots-clés: mobilité académique, transitions développementales, université, entraînement, internationalisation.

Introdução

Este artigo é fruto da tese “Novos itinerários, horizontes e fronteiras: as transições desenvolvimentais de estudantes em mobilidade acadêmica internacional” desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no período de 2019 a 2023, e teve por objetivo: analisar as contribuições da educação internacional, as experiências e influências na formação e no desenvolvimento dos estudantes de graduação que realizaram mobilidade internacional numa universidade pública do Estado da Bahia, a UEFS. A pesquisa surge de um novo momento no que diz respeito ao papel contemporâneo da universidade pensada como espaço privilegiado de inovação e de desenvolvimento tecnológico. Desde os fins do século XX, organismos multinacionais, governos e demais agentes têm contribuído para a multiplicação da ideia de uma sociedade do conhecimento, onde o capital intelectual é o componente central para a produção de riqueza e incremento das economias nacionais.

Como uma iniciativa que gera valor para a administração pública e para a sociedade, a internacionalização passa, então, a ser reconhecida como perspectiva prioritária, com o desafio de possibilitar aos Estados o aprimoramento dos sistemas educacionais, a partir de boas práticas de cooperação internacional e mobilidade acadêmica para os principais centros mundiais de produção do conhecimento.

A internacionalização está presente nas políticas nacionais da educação superior, devendo ser caracterizada por ações formalizadas, institucionalizadas e contínuas, por intermédio das missões, valores e estratégias das universidades. À medida que a mobilidade estudantil evolui, é importante monitorizar os resultados pretendidos e não intencionais para que os

benefícios para indivíduos, instituições, nações e sociedade superem os riscos, tanto agora quanto no futuro (Knight, 2020).

Partimos da seguinte questão: considerando a ênfase que assume na atualidade o processo de internacionalização das universidades e, vislumbrando o intercâmbio na perspectiva do desenvolvimento humano e da formação do indivíduo, quais as contribuições da educação internacional para o desenvolvimento dos estudantes de graduação que participam de programas de mobilidade internacional? Tem-se como objetivo contribuir para a literatura sobre internacionalização da educação superior, apontando como a mobilidade acadêmica permite ao estudante construir seu projeto de formação e desenvolver sua capacidade de autonomia.

A proposição deste artigo apresenta-se como um exercício reflexivo e sua contribuição está relacionada com o conhecimento de uma temática sobre a qual pouco se sabe, ou seja, a relevância da internacionalização nas universidades públicas como fonte de dinamismo, qualidade, crescimento e desenvolvimento humano. No caso das universidades públicas baianas esta temática torna-se ainda mais relevante, dada a escassez de recursos públicos destinados à sua manutenção e aprimoramento que, mesmo frente a uma retração em seus orçamentos se destacam em ações promotoras de internacionalização.

Ainda, segundo Knight (2012) dadas as novas e significativas dimensões da mobilidade estudantil e o ritmo acelerado de mudanças da educação internacional, é importante estudar o fenômeno, identificando questões e tendências. Observamos que há pouco conhecimento compartilhado sobre as práticas concretas das universidades, uma vez que elas não são avaliadas no plano qualitativo (Coulon, 2008).

Interacionismo Simbólico e suas contribuições para a compreensão da mobilidade acadêmica de estudantes

Trazemos à reflexão a abordagem do Interacionismo Simbólico de George Herbert Mead e Herbert Blumer para tratar as transições desenvolvimentais e pela interface e diálogo que mantém com outras vertentes teóricas contemporâneas do campo das ciências sociais (Martins, 2016). Cabe levar em consideração que a abordagem possibilita compreender e interpretar o caráter simbólico da ação social, o sentido do mundo para os atores sociais envolvidos, ou seja, para o artigo em questão, os reflexos da mobilidade acadêmica internacional nos estudantes, possibilitando analisar a correlação entre a experiência da educação internacional e as condições onde ela se produz, entre o indivíduo e o mundo comum.

Segundo Sampaio e Santos (2011) o fato de o Interacionismo Simbólico surgir no interior do departamento de sociologia e antropologia da Escola de Chicago, orientada a partir da sociologia das relações, onde o complexo de situações que formam a interação humana é o objeto principal de atenção, a diversidade de interesses e experiências de seus fundadores e a adoção de estudos fora dos laboratórios universitários, permitiram novos aportes oriundos de outros campos do saber, fomentando uma tradição interdisciplinar que privilegia a interlocução de diferentes dimensões compreensivas a respeito da vida humana.

É nesse aspecto que o Interacionismo Simbólico se constitui numa corrente de pensamento que permite compreender as relações sociais, suas interações e seus efeitos, ao mesmo tempo que se preocupa em compreender como ocorre o surgimento de significados dentro das relações, o modo como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como o processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas (Carvalho; Borges & Rego, 2010; Diehl, 2015).

Como afirmam Sampaio e Santos (2011, p.95):

Estudando as instituições, as famílias, os pequenos grupos, outra forma de pensar a ocorrência de padrões desviantes vai ser oferecida por esses cientistas sociais,

que deixam a descoberto a implicação de uma ordem escondida no nível micro interacional, dispendo-se a ir onde a sociologia não se aventurou.

O aspeto básico da abordagem interacionista consiste na compreensão do homem como um ser ativo, que se orienta pelo que acontece à sua volta e por si mesmo, a partir das interpretações que constrói dos fatos. Neste sentido, os estudos orientados pelo Interacionismo apresentam uma visão do homem com sua interação no processo de definir, responder e raciocinar (Santos, 2008), num processo contínuo de interação entre indivíduos que constroem significados para tudo que os cerca ao mesmo tempo em que também transforma o curso da interação (Diehl, 2015); pode ser compreendido como uma abordagem construtivista dos fatos humanos, na medida em que considera a conceção que têm os atores sobre o mundo social, objeto essencial da pesquisa (Sampaio & Santos, 2011).

Na perspetiva interacionista, o indivíduo tem poder de ação e de reação; essa perspetiva percebe as pessoas como capazes de utilizar seu raciocínio e seu poder de simbolização para interpretar e adaptar-se flexivelmente às circunstâncias, dependendo de como elas mesmas venham a definir a situação (Carvalho; Borges & Rego, 2010). Neste sentido, um ponto de destaque nas correntes interacionistas é essa capacidade ativa das pessoas, de construírem sua realidade social, e não apenas de serem construídas por ela (Fazzi & Lima, 2016). A abordagem concebe o indivíduo como agente autónomo e integral na criação de seu mundo social (Mardon et al., 2021).

Logo, uma das ideias centrais do Interacionismo Simbólico é a autonomia e a valorização do papel dos indivíduos na definição de suas próprias vidas (Sampaio & Santos, 2011). Desde George H. Mead, a corrente interacionista entende que a sociedade e a vida em grupos, assenta na forma de compreensões e expectativas comuns, na base de sentidos compartilhados. Deste modo, a interação, ou seja, a ação recíproca, é o elemento constituinte do comportamento social e das atitudes humanas; justifica o fato de que os indivíduos não são agentes sociais expostos às circunstâncias, mas sim, capazes de reagir, confrontar, reformular, desconstruir, reconstruir e construir os cenários sociais e suas formas de atuação (Fazzi & Lima, 2016).

Nessa perspectiva, o Interacionismo Simbólico é considerado uma das abordagens mais adequadas para compreender processos de socialização (Martins, 2016) e também para analisar mudanças de comportamento, expectativas e exigências sociais. Para os interacionistas, a concepção que os atores sociais fazem para si do mundo representa o objeto essencial da investigação, o conceito de interpretação é crucial na abordagem interacionista (Sampaio & Santos, 2011); compreendido como um produto social, uma criação possível a partir da interação entre os indivíduos, consigo mesmos, com os outros e com o mundo (Blumer, 1980).

Na abordagem interacionista, a interpretação é comumente associada à compreensão do significado. Os objetos que são interpretados são objetos intencionais ou têm propriedades intencionais. Portanto, a interpretação é vista como um processo que leva a entender pessoas, ações ou consequências dessas ações, como expressões linguísticas, textos, músicas e instituições sociais. O que é possível entender nesses casos é o significado expresso por esses objetos, sendo que uma interpretação mostra o caminho para esse significado, o mundo social em que habita o indivíduo.

Podemos afirmar então, que os indivíduos interpretam com o auxílio de pessoas com quem convivem ou que se situam no passado e cujos relatos lhe chegam por instrumentos de diferentes naturezas narrativas – escritos, livros, histórias. Logo, os diferentes sentidos sobre o mundo social são construídos pelas pessoas nas interações que realizam de forma regular (Sampaio & Santos, 2011).

Assim, o Interacionismo Simbólico, dentro do paradigma interpretativo, favorece a compreensão do fenômeno de uma maneira mais ampla, além de revelar e apontar o significado que as coisas têm para os atores sociais; preocupa-se em compreender os aspectos internos experimentais da conduta humana, ou seja, a maneira como as pessoas percebem os fatos ou a realidade à sua volta e como elas agem em relação às suas convicções. Essa abordagem permite aos pesquisadores estabelecer juízo de valor do fenômeno investigado. Para Coulon (1995), o Interacionismo Simbólico trouxe às ciências sociais, um lugar teórico para o sujeito social como intérprete do mundo, colocando em prática métodos de pesquisa que privilegiam o ponto de vista

desses sujeitos; compreende uma das abordagens teóricas subjacentes à educação. Alguns dos principais tópicos da perspectiva interacionista simbólica se concentram na interação social em salas de aula e outros ambientes educacionais (Mardon *et al.*, 2021).

Metodologia

Foi adotada a abordagem qualitativa de pesquisa, de caráter exploratório, considerada mais apropriada para o tipo de análise que pretendíamos realizar. A pesquisa qualitativa torna o mundo visível em uma série de representações que incluem notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias e registros. O pesquisador tenta entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe atribuem (Creswell, 2014; André, 1983).

Quanto aos fins, o tipo de investigação escolhido para a realização da pesquisa qualitativa enquadra-se como exploratória pois é realizada em áreas onde há pouco conhecimento acumulado e sistematizado (Yin, 2016). A opção pelo estudo exploratório é justificada na medida em que existem poucas referências que abordam a internacionalização do ensino superior brasileiro, e poucas também que tratem dos efeitos da mobilidade acadêmica na formação dos futuros profissionais, proposta desta investigação.

Os participantes da pesquisa foram dez estudantes de graduação da UEFS, (quatro mulheres e seis homens), com idade entre 24 e os 35 anos, que realizaram algum programa de mobilidade internacional e que hoje, já são graduados. Apenas 4 (quatro) estudantes entrevistados residiam no município de Feira de Santana, Bahia, Brasil, sede do campus da Universidade Estadual de Feira de Santana; os demais, são de origem de outros municípios de regiões vizinhas que decidiram morar em Feira de Santana por ocasião dos estudos.

As entrevistas ocorreram durante os anos de 2022 e 2023. O critério utilizado para a escolha foi a disponibilidade destes, manifestada em decorrência de contato prévio realizado e sua autorização para gravação. A escolha dos estudantes foi realizada ainda, com o objetivo de contemplar uma diversidade dos cursos de graduação e de países das IES receptoras.

Os dados foram coletados e analisados através da entrevista compreensiva. A entrevista compreensiva é uma metodologia aberta à reinvenção no processo de desenvolvimento da pesquisa a partir de uma estreita relação entre o pesquisador, os indivíduos/informantes com suas falas e as teorias necessárias. Para possibilitar uma melhor orientação nos objetivos propostos foi criado um roteiro guia de entrevista. A proposta encontra-se sustentada nas recomendações de Kaufmann (2013) para a realização da entrevista compreensiva. Segundo o autor, o roteiro é um guia muito flexível, os pesquisadores devem elaborar uma grade com temas simples, com uma sequência de questões precisas e fáceis para quebrar o gelo, a entrevista favorece um caminho metodológico de conhecimento do outro.

Deste modo, para facilitar a coleta de informações, foram criadas 6 (seis) categorias de análise a partir do agrupamento de informações comuns, ou seja, a partir de critérios selecionados antecipadamente dispostos no roteiro guia de entrevista. As categorias foram construídas examinando os dados a fim de verificar os aspectos recorrentes, observando ainda, a relevância de um item baseada na frequência em que ocorre; contêm aspectos, comentários e características relevantes para a apreensão do fenômeno estudado, permitem direcionar o diálogo em prol do conhecimento do outro sobre a mobilidade acadêmica, são elas: 1) Expectativas e planejamento antes do intercâmbio, 2) Trajetória na universidade de acolhimento, 3) Assimilação progressiva dos códigos culturais e língua estrangeira, 4) Socialização – Cosmopolitismo e Alteridade (adaptabilidade, interesses), 5) Autonomia, 6) Experiências.

Neste sentido, dentre as principais questões do roteiro guia de entrevista, é possível destacar:

- “Que razões levaram você a realizar a mobilidade internacional?”,
- “Quais foram as motivações e incentivos vivenciados durante o intercâmbio?”,
- “Quais foram suas impressões com a Universidade de acolhimento?”, “E seus principais desafios?”,
- “Houve encontros?, Estranhamentos?”,

- “Em algum momento se sentiu “estrangeiro/a” na Universidade e no curso escolhido?”,
- “Como foram as primeiras descobertas?”, O primeiro contato com a cidade, dinâmica, estilo de vida...?”,
- “As expectativas foram atendidas?”,
- “Como foi sua relação com os colegas?”,
- “Quais as nacionalidades com que conviveu?”,
- “O que percebeu que mudou na sua forma de pensar, quando estava fora do país e longe dos seus pares?”,
- “Percebeu alguma melhora no seu desempenho acadêmico, na sua vida com o intercâmbio?”,
- “Que situações de aprendizagem e vivência acadêmica você percebe como as mais significativas?”

É importante destacar que a pesquisa e os dados que ela produziu não indicaram apenas qual foi a experiência vivida pelos estudantes durante a mobilidade acadêmica, mas o que eles pensam sobre essa experiência e a sua implicação no seu desenvolvimento.

Uma observação importante a ser feita é a de que a base de uma entrevista compreensiva é o anonimato que deve ser garantido ao informante, que deve sentir-se totalmente livre após o término da entrevista. Deste modo, decidimos por apresentar números ao invés dos nomes dos estudantes, garantindo ao informante as condições de anonimato.

O campo de pesquisa é a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), instituição pública e gratuita de ensino Superior, criada em 24 de janeiro de 1970, pela Lei Estadual nº 2784 e autorizada a funcionar pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27 de abril de 1976. A UEFS, com a missão de promover a articulação intracampus e facilitar a interação da UEFS com o contexto externo nacional e internacional, reestruturou a Assessoria Especial de Intercâmbio para a Assessoria Especial de Relações Institucionais (AERI). Órgão responsável pela internacionalização, a AERI tem fortalecido o relacionamento entre a UEFS, seus colaboradores e parceiros educacionais, com ações implantadas

através do fomento à mobilidade, além do estabelecimento de novos convênios com instituições, favorecendo também, novos horizontes e perspectivas para estudantes, servidores docentes e técnicos.

A mobilidade internacional de estudantes; sentidos, significados e trajetórias

A formação acadêmica, profissional e pessoal de um estudante pode ser construída de diversas formas; pois há diferentes caminhos para o alcance deste objetivo e, um deles, envolve a realização de formações complementares à graduação como a mobilidade acadêmica internacional, por exemplo.

Iniciamos a conversa com os estudantes sobre o que os levou a procurar a experiência de mobilidade estudantil internacional como parte importante e integrante de suas trajetórias. O desejo de participar de um programa de intercâmbio surge da observação de pessoas próximas e colegas que passaram pela experiência, pela influência de professores, ou, simplesmente, pelo sonho de viajar e conhecer um país diferente, novas pessoas, novas culturas e outra universidade.

A mobilidade estudantil nos remete a uma espécie de aventura em direção ao conhecimento, uma vivência com valor para a aprendizagem, oferecendo oportunidades especiais de fazer novas, inusitadas e transformadoras experiências de si mesmo, do outro e do mundo

O que parece motivar a candidatura dos estudantes é o desejo de interagir, de conhecer novos caminhos e viver novas experiências. O critério para a escolha da universidade de acolhimento, além do fator econômico, a indicação de professores e colegas ex intercambistas, foi a língua. O idioma foi uma das questões determinantes no processo. Aqueles que não possuíam conhecimento e/ou não dominavam outro idioma, escolheram universidades portuguesas pela facilidade na comunicação; enquanto, os que tinham familiaridade com uma segunda língua, optaram pelo aperfeiçoamento linguístico, melhorando sua oralidade e escrita.

Os estudantes costumam procurar informações sobre as instituições conveniadas, a cidade de acolhimento e seu custo de vida junto a outros colegas que já viveram esta experiência, em redes de apoio que são formadas por ex intercambistas que compartilham suas vivências e na AERI com a orientação dos documentos necessários para a submissão da candidatura.

Destacamos que alguns estudantes acedem a informações sobre o novo ambiente por meio de contatos com a universidade de destino, de forma antecipada; segundo os estudantes, essa estratégia facilita sua chegada e amplia a compreensão acerca do funcionamento da instituição (Carneiro & Sampaio, 2011).

Para ingressar em um programa de mobilidade acadêmica internacional, o estudante participa de uma seleção, com critérios listados em edital próprio. O processo da mobilidade estudantil internacional compreende a vivência noutro país por um período de seis meses, com possibilidade de se estender por igual período, conforme demandas de natureza acadêmica e condições financeiras e/ou pessoais. Entretanto, até à sua efetiva concretização, todo um planejamento e a organização de documentos são necessários. A seleção definida pelo edital instaura insegurança e expectativa. A inscrição no edital e a apresentação de todos os documentos, parece uma tarefa simples, mas para os estudantes, a princípio, é uma atividade complexa. O auxílio institucional é um pilar importante para a realização deste objetivo, através do acolhimento, do acompanhamento e da disponibilização das informações necessárias para que possam compreender e participar do processo seletivo.

Os estudantes elegem suas disciplinas antes da chegada na nova instituição e, muitas vezes, é preciso efetuar ajustes em razão de incompatibilidades de horário ou mesmo, pela não oferta do(s) componente(s) curricular(res) naquele semestre. Neste momento, eles recebem orientações da instituição receptora, por parte dos seus docentes ou do Escritório de Relações Internacionais que acolhe os estudantes estrangeiros e os encaminha para matrícula e documentação necessária para sua permanência. Esse é um momento estressor para muitos estudantes pelo desafio de escolher novos componentes assim que chegam temendo não lograr êxito. Contudo, as universidades fornecem o suporte necessário permitindo que assistam as aulas iniciais,

concedem um período para análise, mas, no final, a matrícula é efetivada.

Coulon (2008) afirma que uma das primeiras ações que os estudantes realizam quando chegam à universidade é romper com seu passado imediato. Essa entrada dá acesso a um mundo desconhecido, repleto de novas referências. Isto nos faz pensar na chegada do estudante intercambista à sua instituição de acolhimento. São muitas as rupturas que vivem ao longo da sua permanência no período de mobilidade internacional: língua, cultura, novas dinâmicas acadêmicas e sociais. Sentimentos, experiências, emoções, expectativas, frustrações e adaptações estão presentes nesse início impondo mudanças radicais em sua rotina, dentro e fora da instituição que frequentam (Oliveira & Silva, 2018).

Sobre as disciplinas cursadas, os estudantes não tiveram dificuldades, elas foram importantes para a sua formação, de utilidade prática, despertaram a possibilidade de campos de atuação não previstos e possibilitaram a conquista de novos horizontes profissionais.

Ter feito a disciplina só fez com que o meu desejo de querer ir para essa área aumentasse (E07);

Goffman (2011, p.13) destaca que “todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes”. Entretanto, para os entrevistados, no requisito convivência com os colegas em sala de aula, dificuldades se apresentaram:

Eu sentia falta de outros colegas, muita, muita. Só que eu também respeitei esse espaço que eles fecharam (E01);

Eu tento ser amigo dos meninos, mas parece que eles não querem (E02).

Além da solidão, pela falta de integração social, outras dificuldades também se fizeram presentes; o clima - como alguns estudantes chegaram no inverno e acostumados ao clima quente, sentiram muito com o frio intenso; a adaptação a um novo idioma; as disciplinas ministradas em outra língua e o nervosismo nas primeiras apresentações orais. Entretanto, quando indagamos sobre a

possibilidade de desistir e retornar para casa, os estudantes, mesmo diante destas exigências e condições adversas, não pensavam no abandono como uma saída, mas sim, que as dificuldades serviriam como oportunidades de aprendizagem. E por maiores que fossem os desafios, desistir da mobilidade não se colocou como uma opção, embora tenham manifestado que chegaram a pensar sobre essa possibilidade.

Vontade de desistir não, porque a gente pensa [...] agora vontade de desistir, desistir não (E05);

Eu falava assim, isso aqui é para eu aprender alguma coisa. Então, eu não vou desistir não (E09).

Conversamos sobre o acolhimento da universidade receptora e observamos que a maioria das instituições realiza algum evento de boas-vindas aos estudantes internacionais com o objetivo de apresentar o campus, seu funcionamento e integrar os estudantes.

Para Sampaio e Santos (2012) é preciso considerar as dificuldades postas para os novos estudantes e adotar institucionalmente medidas de acolhimento, acompanhamento e orientação; a “partilha de impressões, dúvidas, sentimentos pode se constituir como uma tecnologia educacional eficiente para dar conta e auxiliar os novos estudantes” (Sampaio & Santos, 2012, p.12). Ouvimos dos estudantes que a universidade ofereceu passeios guiados pela cidade e procurou integrá-los em atividades culturais. Outras instituições ainda, realizaram um acompanhamento mensal por e-mail, apresentaram sugestões de transporte, solicitaram que informassem eventuais saídas da cidade e promoveram eventos de integração. Os entrevistados reconheceram que estes encontros proporcionados pelas instituições receptoras foram importantes para “quebrar o gelo” dos primeiros dias, permitindo também proximidade e interação entre os estudantes, principalmente os estrangeiros.

Nessas ações de integração promovidas pelas universidades de acolhimento, identificamos um fato curioso: uma proximidade maior dos intercambistas com outros estudantes estrangeiros, brasileiros ou de outras nacionalidades.

O contato maior é com outros estudantes brasileiros que vêm de outras universidades, [...], acho que fecha

mais este ciclo entre brasileiros mesmo (E01);

Eu fiz muitos amigos em Coimbra, mas a maioria eram estudantes brasileiros que estavam lá, também de outras universidades (E02).

Há um aspecto de socialização importante nesses depoimentos. Como estão na mesma situação, a solidariedade aparece com mais facilidade que no interior da sala de aula com colegas nativos. Laços de amizade entre intercambistas brasileiros foram criados no período do intercâmbio.

A mobilidade internacional de estudantes é construída na interação social entre indivíduos e grupos sociais e nos remete a um projeto de construção aberto e partilhado de vida, no encontro com o outro, com o diferente e o estranho. Neste ponto, destacam Castro e Neto (2012), a mobilidade acadêmica envolve uma gama de aspectos, para além do simples deslocamento territorial; compreende aspectos sociais, estruturas, meios, culturas, interações e significados.

Ainda que as diferenças entre culturas, ambientes e pessoas sejam percebidas, os estudantes alcançaram um bom desempenho acadêmico. Eles assumem, de fato, um compromisso com o resultado da mobilidade, e esse entendimento aparece no depoimento do estudante E02:

Eu tinha medo também do que trazer para cá [...], das pessoas falarem, poxa você foi para Portugal e só está viajando, [...] eu queria mostrar para o pessoal daqui que eu não fui só fazer isso, viajar entendeu, eu fui estudar, eu fui para cumprir objetivos e eu cumpri.

O estudante E02 nos remete à compreensão mais ampliada do que significa estar em outro lugar. O motivo do intercâmbio era estudar, mas não apenas isso; a oportunidade de viver em um país diferente do de sua origem, de forma a agregar uma experiência de vida.

Embora não possa ser considerado um membro efetivo da instituição acolhedora, o estudante já começa a se distanciar do mundo da sua universidade de origem, do seu país e reconhecer que é preciso mobilizar outras competências. Neste sentido, estão presentes competências de ordem

subjetiva, simbólica, como o enfrentamento de novos padrões culturais, de uma nova língua, de novos espaços, nova geografia.

Os estudantes aprovados em programas de intercâmbio além de um bom histórico escolar, participam de eventos científicos e acadêmicos, de iniciação científica e mostram-se comprometidos com sua formação; pois, além da documentação pessoal e escolar, uma carta de recomendação de um professor da instituição também é requerida no ato de inscrição do processo seletivo.

O intercâmbio é uma experiência marcante na vida dos estudantes. A mobilidade estudantil internacional pode ser compreendida como uma proposta educativa orientada na perspectiva de valorizar a formação, voltada para autonomia dos sujeitos, lhes possibilitando, um olhar crítico sobre a realidade à sua volta que permite construir uma postura emancipatória frente à sociedade. Sempre haverá processos de transição que envolve mudanças que continuarão sendo fator decisivo nas experiências de vida (Ribeiro, 2014). Elas ocorrem em diferentes momentos e mobiliza ações e recursos individuais e sociais possibilitando adaptabilidade às novas situações ou acontecimentos.

A partir dos pressupostos teóricos do Interacionismo Simbólico, entendemos a mobilidade acadêmica como ação social envolvida em um processo dinâmico, em uma relação recíproca dos indivíduos, em que as significações que perpassam a interação remetem sempre à possibilidade de mudança (Sant'Ana, 2009).

Outro ponto relevante desta análise é o fato de que todos os estudantes entrevistados receberam bolsa. O recurso foi condição necessária para que pudessem participar desta experiência:

Uma das coisas que possibilitou eu vir para cá foi justamente a possibilidade de ter uma bolsa (E04);

Fui com bolsa, inclusive a bolsa foi decisiva para eu ir, porque financeiramente os meus pais não teriam condições de arcar com as despesas lá (E05);

Se não tivesse a bolsa jamais teria participado do intercâmbio (E10).

Neste sentido, a bolsa passa a ter, desde o momento da sua conquista e atribuição, grande importância para a participação no programa de mobilidade pois, sem ela, os estudantes não teriam condições de se manter no exterior. Quando questionados sobre o valor da bolsa, os estudantes foram afirmativos:

A bolsa dava para pagar o aluguel e comida (E06);

A bolsa cobria o valor da residência e as compras de mercado também, então para mim lá, a bolsa era um valor maravilhoso (E07).

Com a chegada ao país de acolhimento, os estudantes vivem uma variedade de sentimentos: estranheza, inquietação, tristeza, alegria.

Eu tremia, eu não sei, foi uma coisa assim muito emocionante, um sentimento que eu não sei explicar [...] foi uma coisa muito incrível, na minha vida, entendeu, foi um dos momentos que mais marcaram (E02).

Os depoimentos sugerem um processo de adaptação desafiador.

Os primeiros dias foram difíceis, eu tive que ir me adaptando, tanto a língua, quanto o lugar, o frio, principalmente a gente que tá aqui na Bahia acostumado com o calor (E07).

Durante a entrevista, comparece a sensação de solidão. Entre algumas das preocupações, é marcante a condição de estarem sozinhos em terra estranha, de desconhecer os caminhos que deveriam percorrer e de um sentimento de desamparo. Diz o estudante E09: “quando eu digo só, é porque tá longe de papai e de mamãe, [...], eles tão ali, a gente pode recorrer, e do outro lado do continente, é mais difícil, né?”.

Podemos dizer que as experiências adquiridas a partir da vivência em um ambiente naturalmente estranho ao do estudante traz consigo uma abertura de possibilidades, de reflexões, a partir do processo de estranhamento da realidade. O contato com uma outra cultura proporciona ao indivíduo a construção de um conhecimento mais reflexivo, plural e crítico; a mobilidade permite a troca de experiências e a aquisição de novas habilidades e

competências a partir de vivências múltiplas de referenciais distintos daqueles aos quais o estudante estava acostumado. “Para encontrar a cidade mesmo, era se arriscando, eu me lembro que tinha um caminho para eu ir para casa, e eu não sou muito bom em me localizar não, só sei que eu ia nesse caminho que era bem mais longo durante meses e meses” comenta o estudante E06. Desafio parecido foi vivido pela estudante E07 “apesar de me perder algumas vezes sempre ia conhecer os lugares [...] foi tranquilo, eu gosto de conhecer outros lugares independente de me perder ou não, acho interessante você ir em busca daquilo e conhecer”.

Estar perdido favorece a descoberta do inusitado, do inesperado, mobiliza a imaginação e a curiosidade. Neste aspecto, podemos identificar que “há outras formas de aprender, outras formas valiosas de se relacionar com o mundo, com os outros, consigo mesmo, outras atividades que valem a pena de ser desenvolvidas e aperfeiçoadas em uma vida humana” (Charlot, 2013, p.151).

O papel ativo do estudante no seu processo de formação inclui, entre outras coisas, a participação explícita e contínua nas mais diversas atividades, entendimento esse trazido pela estudante E10 “durante todo o meu período de intercâmbio eu participei de muita coisa que tinha sempre estudantes estrangeiros”. Sua fala remete ao entendimento de Pieroni, Fermino e Caliman (2014, p.30):

Viver no novo oceano das culturas exige competências específicas: a compreensão horizontal das sociedades multiculturais e o privilégio da integração, da cooperação e da acolhida. Implica o desenvolvimento de uma cultura de diálogo, de estima pela humanidade, de valorização das culturas.

A experiência de mobilidade não se restringe a eventos de caráter científico, mas também eventos culturais e sociais:

Eu participei da queima das fitas, que é um evento cultural, sai pelas ruas da cidade, cantando, dançando (E05);

Uma coisa que tinha bastante boa lá na França que era

uma forma de integração, não sei se funcionaria no Brasil eram os almoços, então, cada um ficava responsável por levar um prato do seu país (E06).

Estabelecer um diálogo com um cidadão de outra cultura, falar outras línguas, manifestar sentimentos e emoções são oportunidades únicas na vida de um estudante e devem ser valorizadas e legitimadas como manifestações educativas com forte potencial de formação (Stallivieri, 2017). A mobilidade é um ato que envolve muitos indivíduos, possibilita a reciprocidade de relações e trocas entre todos os envolvidos, uma aprendizagem voltada ao desenvolvimento de atitudes, valores e culturas.

Por meio da participação em eventos, sejam eles acadêmicos, culturais ou de lazer, os estudantes tem oportunidade de interagir com outras culturas, outros conhecimentos, outros modos de vida distintos dos costumes de seu país de origem. Coloca num mesmo espaço e território não apenas indivíduos das mais diversas origens, mas, acima de tudo, de diferentes valores, objetivos e visões de mundo; esse espaço compartilhado exige mais do que simplesmente um ambiente comum, mas, sobretudo, abertura para a convivência com o novo, com o diferente. Acreditamos que, por esta razão, os estudantes se sentem tão motivados para aprender uma nova língua quando participam de um programa de mobilidade internacional.

Quando eu vi que todos os estudantes falavam o inglês, eu falava: poxa, como é que eu vim pra aqui sem saber o mínimo do inglês e me instigou a estudar, a aprender o inglês, a aprimorar, porque eu via que isso era necessário (E02).

O desejo de aprender uma nova língua parte também daqueles estudantes que realizaram mobilidade em Portugal, como enfatiza a estudante E05: “A gente percebe que, mesmo estando em um país de língua portuguesa, o inglês, ele é muito importante”. A estudante E01 destacou que o fato de ter viajado para outros países que eram de língua inglesa estimulou o desejo de aprender o inglês.

Até para os estudantes que já possuíam o domínio de uma segunda língua, o desejo de aprender outros idiomas também aparece. O mesmo se deu com o

estudante E04 que fez intercâmbio na Áustria e já possuía domínio de outros idiomas: “depois do intercâmbio eu continuei estudando o alemão, porque eu falei, falo inglês, falo português, falo espanhol, vou aprender alemão agora porque gosto muito de estudar línguas também”.

A mobilidade, como estratégia de internacionalização do ensino superior, possibilita o diálogo com outras realidades, o contato com o outro, com o diferente, um movimento capaz de unir mundos individuais, conhecimentos e novas oportunidades. Neste entendimento, defendemos que esta seria a via de uma “outra globalização”: construir presenças através da importância do outro, da interação e das relações sociais.

Os estudantes que entrevistamos seguiram suas trajetórias, num itinerário de aprendizado e qualificação. Aqueles que retornam enfatizam, sobretudo, a sua experiência pessoal e a aquisição de experiência ou maturidade no processo migratório (Pereira & Siqueira, 2013).

A necessidade de (re)elaborar a compreensão do mundo e a perspectiva de futuro após a experiência da mobilidade foi um aspecto importante percebido nos entrevistados. Não podemos afirmar aqui que a mobilidade internacional pode ser traduzida em sucesso e independência financeira, mas a sua vivência e todo o aprendizado adquirido com a experiência, sendo um diferencial no currículo desses jovens, pode aumentar as chances de ascensão social.

Considerações Finais

Nossas reflexões conduzem ao entendimento de que a internacionalização da educação, por meio da mobilidade estudantil, possibilita o aumento da transferência de conhecimento e o potencial dos estudantes; cria verdadeiros laços acadêmicos e se baseia, essencialmente, em encontros e aproximações, seja do ponto de vista cultural, histórico, linguístico ou humano, representando importantes benefícios para o desenvolvimento da ciência, da sociedade e, sobretudo, da juventude.

A mobilidade acadêmica internacional é um dos caminhos para renovar a

educação como prática formativa, possibilita trocas culturais, científicas e acadêmicas; permite ao estudante conhecer e interagir com uma realidade diversa, um novo lugar para o saber. As experiências internacionais podem contribuir para o sucesso dos estudantes, equipando-os para trabalhar em diferentes culturas em ambientes globais. Além de benefícios relacionados ao aprendizado, possibilita o desenvolvimento pessoal, resulta em melhores resultados na graduação e melhores perspectivas de carreira.

Os resultados da pesquisa nos levam a acreditar que, por meio de um processo de interpretação permanente, viver a mobilidade permite ao estudante construir seu projeto de formação, desenvolver sua capacidade de autonomia e de comunicação. Deste modo, quanto mais interações acontecem, melhor a aprendizagem.

Experienciar a mobilidade acadêmica possibilita aos estudantes a interpretação de um outro mundo, atravessar e chegar em um novo caminho, habilidades para aprender novos valores culturais e viver por um período, distante de seu país de origem. Os estudantes entrevistados se esforçam para representar bem sua instituição, querem desfrutar de cada experiência que a cidade e a universidade de acolhimento oferecem. E, deste modo, para sobreviver em novos territórios, eles desenvolvem a alteridade e comportamentos que permitam compreender além das regras, costumes e língua. Nesse estudo, o suporte teórico do Interacionismo Simbólico foi fundamental tornando possível olhar e compreender as aquisições desenvolvimentais dos estudantes intercambistas, que se enriquecem de experiências novas, de transições e passagens.

Referências bibliográficas

- André, M. E. D. A. (1983). Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 45(1), 66-71.
- Blumer, H. (1980). A natureza do Interacionismo Simbólico. *In*: Mortensen, D. Teoria da Comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico.

- Carneiro, A. S. C.; Sampaio, S. M.R. (2011). Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, S. M. R. (org). Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: Edufba, 53-69.
- Carvalho, V. D.; Borges, L. O.; Rêgo, D. P. (2010). Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(1), 146-161. Acesso em 8 de julho de 2019, de: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000100011>.
- Castro, A. A.; Neto, A. C. (2012). O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, 21(1), 69-96.
- Charlot, B. (2013). *Da relação com o saber às práticas educativas*. 1ª ed. São Paulo: Cortez.
- Coulon, A. (2008). *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Tradução: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: Edufba.
- Coulon, A. (1995). *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Penso.
- Diehl, F. (2015). Três teorias sociológicas para a compreensão da discriminação contra minorias sociais na interação cotidiana. *Revista Contraponto*, 1(3), 124-148.
- Fazzi, R. de C.; Lima, J. (2016). A psicologia social sociológica: percursos, rumos e contemporaneidade de uma tradição teórico-metodológica. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, Florianópolis*, 13(3), 101-120.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução: Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kaufmann, J. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal.
- Knight, J. (2020). *Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios*. 2ª edição. Ebook. São Leopoldo: Oikos Editora.

- Mardon, A. *et al.* (2021). *Symbolic Interactionism*. Fort Wayne/United States: Golden Meteorite Press.
- Martins, C. B. C. (2016). Interacionismo simbólico: gênese, desenvolvimento e seu impacto na sociologia contemporânea. *Revista Sociedade e Estado*, 28(2), 209-2015.
- Mead, G. H. (2021). *Mente, self e sociedade: Edição definitiva*. 1ª ed. São Paulo: Editora Vozes.
- Oliveira, G. M. B. de; Silva, R. M.da. (2018). A experiência de afiliação entre estudantes universitários de origem popular: primeiros achados. In: *Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 2, 2018, São Cristóvão, SE. Anais [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS. Acesso em 15 de janeiro de 2020, de: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13005>*.
- Pereira, S.; Siqueira, S. (2013). Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana REMHU, Brasília, 41, 117-138*.
- Pieroni, V.; Fermino, A.; Caliman, G. (2014). *Pedagogia da Alteridade: para viajar a Cosmópolis*. Brasília: Liber Livro.
- Ribeiro, R. J. (2014). *A universidade e a vida atual. Fellini não via filmes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Sampaio, S. M. R.; Santos, G. G. (2012). O conceito de afiliação como ferramenta para gestão pedagógica da educação superior. In: *Conferência da Associação Forges – Fórum da Gestão do Ensino Superior nos países e regiões da língua portuguesa, 2., 2012, Macau. Anais [...]. Macau*.
- Sampaio, S. M. R.; Santos, G. G. (2011). Interacionismo Simbólico como abordagem teórica aos fenômenos educativos. *Revista Tempos e Espaços em Educação, 06(01)*.
- Sant'Ana, R. B. de. (2009). Autonomia do Sujeito: As Contribuições Teóricas de G. H. Mead. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25(4), 467-477*. Acesso em 05 de maio de 2022, de:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/tZW4j4kjCZY8jqJz4hz6vqG/?format=pdf&lang=pt>.

Stallivieri, L. (2017). *Internacionalização e Intercâmbio: Dimensões e Perspectivas*. Curitiba: Editora Appris.

Yin, R. K. (2016). *Pesquisa Qualitativa do início ao fim*. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso.

Notas Biográficas

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa - Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Docente Permanente do Programa de Doutorado em Difusão do Conhecimento (UFBA), Analista Universitário (UEFS) e Coordenadora do Curso de Administração Pública da UEFS/UAB, Bahia – Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-6464-3756>

Universidade Estadual de Feira de Santana, Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte - CEP 44036-900 - Feira de Santana - Bahia / karla@uefs.br

Datas de recepção e de aceitação (29/02/2024) (22/10/2024)